

dos poucos rapazes de Venteiros, recriminados pelo padre Wolfgan Wagner que costuma dizer em seus sermões dominicais: “Esses moços ficam olhando as moças que passam com o porão da alma”. O padre dizia isso com sotaque alemão, acentuando o erre de porão: “porrrrão da alma”.

Apesar da idade já meio vencida para essas coisas, Marcilene tinha um desejo obstinado: ser Miss Venteiros. Pelo menos é o que consta dos mexericos locais. Só que nunca houve concurso naquele lugarzinho metido a besta, e o tempo foi passando sem que a oportunidade se apresentasse para a realização de tal sonho.

Pois bem, Marcilene, em todo caso *miss* por não ser casada, mora com a irmã, o chato do cunhado e os seis sobrinhos endiabrados, no final da rua única. Mais para lá um pouquinho fica o cemitério, que pode ser avistado em plenitude da janela do seu quarto situado no segundo andar, na parte de trás do sobrado. Todas as noites, antes de adormecer e sonhar com a faixa de Miss Venteiros, ela gosta de se debruçar à janela e deixar o olhar vagar distraído por sobre campas e bananeiras, perdida em pensamentos muito dos seus que lhe dão uma feição enigmática e distante, deixando-lhe os olhos um pouco vesgos e a boca descaída para o lado direito de onde sai um charmoso fiozinho de baba, justo no lugar onde lhe falta um dente.

Pois bem, numa noite em que Marcilene assim mirava desvanecida túmulos e bananeiras em flor, deu-se o sucedido. Foi exatamente no nono dia do internamento de Rosicleide no hospital Santa Filegarda em Anunciação das Antas, quando o relógio da igreja desferiu doze badaladas que cortaram como facas afiadas o silêncio reinante. Toda cidade dormia, recolhida como de praxe depois de no máximo o Jornal Nacional. Ventava o vento de sem-

pre e não era muito forte, porque no calor, como já se sabe, o vento fica mais para brisa. Mesmo assim, a futura Miss Venteiros aspirou subitamente um odor intraduzível que a brisa lhe trouxe, meio cachorro molhado, meio fogueira apagada, o que a arrancou de seus devaneios. Ela fitou com seus olhos um tanto vesgos o canto esquerdo do cemitério e... Oh! Alguma coisa grande e descabelada ali se agitava. Depois, foi pulando de túmulo em túmulo e veio que veio em disparada certa. Atravessou chispando o portão fechado do cemitério e continuou vindo direto para a casa onde Marcilene mora com a irmã casada, o cunhado chato e os seis sobrinhos endiabrados. “Minhas almas de Deus”, grunhiu ela, “será que a porta de entrada está bem trancada?”

A porta da entrada era bem chique para aquele lugar do fim do mundo, contrastando com o resto da casa já um tanto carcomida pelo tempo e arruinada pela má qualidade da construção. Uma parte era de ferro batido, todo rendado em rebuscados arabescos. A outra fechava por dentro, composta de uma chapa de vidro fosco, grosso e canelado. Pois olha, todas as noites Marcilene, que era a última pessoa da família a se recolher, passava a chave bem passadinha na fechadura da parte de ferro batido e depois, cuidadosamente, encostava a chapa de vidro, travando-a com seu fechinho prateado. Isso impedia que alguém introduzisse uma mão inconveniente através dos arabescos de ferro batido e abrisse com comodidade a porta, adentrando-se sem ser convidado.

Mas naquela noite, justo naquela noite... Teria ela fechado direito a parte de vidro? Ultimamente andava meio displicente. Afinal, nem ladrão Venteiros tinha para que tantos cuidados fossem tomados. Ai, meu São Ciprião! E agora? Bem, agora só restava a Marcilene, num gesto de

coragem desmedida, precipitar-se escada abaixo para verificar se o raio da porta estava ou não estava devidamente fechada. E foi o que ela fez.

Santa Ingrácia! A chave estava virada nos conformes, na parte de dentro da porta de ferro, mas o vidro se entreabria deixando passar o vento, o barulho do tropel que se aproximava e o cheiro de cachorro molhado ou fogueira apagada que agora estava muito forte. A coitada, então, se atirou de encontro à parte de vidro e travou-a bem a tempo, sentindo ainda um estranho bafo e ouvindo um bufo que lhe deixaram os cabelos em pé. Porém, ainda pôde ver a ponta de uma garra se introduzindo pelo vazoado de um arabesco. Isso quer dizer que a criatura só não conseguiu abrir a porta porque Marcilene bateu a tempo e com toda força o vidro grosso. Exatamente nesse momento saltou no chão da sala a prova definitiva da presença da coisa: uma comprida unha de aço. Prova que foi examinada pela família, a qual, com a barulhada seguida dos gritos histéricos da moça, acordou e veio averiguar o que estava acontecendo, podendo a irmã, o cunhado chato e os seis sobrinhos endiabrados ainda escutar um uivo estrambótico de dor. Era a criatura escafedendo-se ladeira abaixo em louca disparada, a sacudir uma pata ensangüentada no vento fresco da noite. Isso aconteceu exatamente no nono dia do internamento de Rosicleide, e todos deram fé.

De modos que iam se sucedendo esses infortúnios, os quais deixavam a população de Venteiros mergulhada em um pandemônio de aflições. O jeito era apelar para poderes mais altos, e assim foi organizada na igreja uma novena sob a condução firme do padre Wolfgan Wagner, que agora vivia esbaforido, batina arregaçada, tal o vaivém no confessionário. Temerosos de que alguma coisa pudesse lhes

acontecer, e ao mesmo tempo buscando proteção e misericórdia, muitos dos habitantes de Venteiros, fora, é claro, o estoque habitual de beatas, deram em pedir perdão dos seus pecados, sobrecarregando o padre, que não tinha mais tempo para um golinho de vinho aqui, uma broinha ali, um pãozinho de queijo acolá, uma brevidadezinha acolisso, nas horas cálidas da tarde, nem de tirar uma soneca após o almoço enriquecido com aquele franguinho ao molho pardo, porque ninguém lhe dava tréguas.

Chegou a se formar um comitê especial para solicitar ao bondoso sacerdote o uso de suas prerrogativas eclesiásticas, com o fito de conferir um bom exorcismo ao cafute. O difícil, contudo, era dar de cara como o beiju-do, exímio em suverter no mapa depois de aterrorizar suas vítimas, que só tinham tempo de se esgoelar e nada mais.

Não tinha, pois, mais sossego o padre, e nem tampouco o delegado Orozimbo Matoso. Vira e mexe aparecia alguém na delegacia para fazer queixa do não-sei-que-diga, mas eram acusações vagas e nenhuma prisão foi efetuada, porque não havia a quem, nem o quê prender. Zeferino Mão de Pedra, um sujeito meio maluco que vivia em Venteiros, chegou a se apresentar ao delegado como voluntário para combater o temba. Teve sua pretensão dispensada por ser descabida e inviável; mas, por conta das incertezas, Orozimbo ornamentou sua modesta mesa de trabalho com a estatueta de um bode preto bem chifru-do, proteção segura contra mau-olhado, lobisomens e outras esquisitices do gênero.

É. Só não chamava o Corpo de Bombeiros aquele povo de Venteiros porque Corpo de Bombeiros não havia. Em todo caso, o bode do delegado fez muito sucesso. Todo

mundo que chegava na delegacia via o bicho de massa com seus chifrinhos espetados, cabeça meio virada de lado. Aquilo acalmava os mais nervosos, tanto quanto a imagem de Santa Luduila dos Pobres Remediados, padroeira da cidade que tinha na igreja um lugar de destaque ao lado esquerdo do altar-mor.

A santa fora adquirida na capital e entronizada em Venteiros com as honras cabíveis a uma protetora do seu porte. Já o bode, propriedade particular do delegado, fora comprado na cabana do Tio Chaveco, e sobre essa criatura chegada ao sobrenatural algumas palavras merecem ser ditas para que não fique incompleta esta narrativa sobre os acontecimentos mais sérios já ocorridos na aprazível Venteiros.

Tio Chaveco, dizia-se, era pródigo em curar qualquer doença ou em resolver outras mazelas da vida, se bem que resultado, resultado mesmo, nunca se conferiu para valer. Mas isso é coisa de detalhe, porque para quem acredita o resultado é de somenos importância.

Interessante é que esse mágico das garrafadas gostava de se vestir de baiana, o que para Venteiros resultava num inusitado disforme. Mas vá lá. Quantos não se chegavam às escondidas na cabana do Tio Chaveco, quando pouco só para lhe pedir um conselho? E iam lá principalmente as donzelas do lugar, ansiosas por um marido que em forma de forasteiro viesse para, no melhor dos melhores, levá-las dali vestidas de noivas, redimindo-as daquele brejão sem graça.

Era, portanto, Tio Chaveco especializado nesses desejos de meninas-moças, no mais das vezes nem tão moças assim, que queriam saber do futuro ou pedir um futuro bem melhor que o presente. Para elas, especialmente para elas, ele costumava fazer lindas cerimônias nas quais fala-

va uma língua incompreensível, rodopiava sua saia de rendas, cantava adoidado sacudindo seus colares e aplicava uns etc., que ficavam só entre ele e suas consulentes, no total segredo dessas artes tão especiais.

É possível que Tio Chaveco usasse aquela indumentária de baiana não só porque lhe conferia um estilo muito particular, como também para lhe esconder um pouco a feiúra com que fora castigado pela natureza. Era baixo, atarracado, tinha cabelos ralos que escondia sempre sob o turbante, testa proeminente, olhos miúdos e brilhantes com o branco dos olhos avermelhado, nariz chato como focinho de porco, e era muito dentuço. Dizia-se que tinha pés de pato, mas isso ninguém nunca conferiu, porque os pés ficavam escondidos sob a farta saia branca de rendas. Também parecia não ser muito chegado a banho, pois exalava um cheiro muito forte, proveniente de umas substâncias que costumava queimar nas cerimônias, tipo assim enxofre chegado a caçorro molhado ou fogueira apagada. Realmente, um cheiro do outro mundo, que saía às vezes do cafundó onde ele habitava entre as últimas bananeiras da cidade e o brejo, e atravessava Venteiros nas noites de lua cheia.

Pois bem. Pois é. Enquanto alvoroços iam se propagando naquele lugar outrora pachorrento, a internação de Rosicleide chegou ao décimo terceiro dia. Ela já estava bem refeita. Só que não queria ir para casa, nem ver ninguém. Nem mesmo os pais e a irmã, quanto mais o resto.

Do sétimo dia em diante dera em ficar sentada junto à janela do seu quarto no hospital. Não falava. Não comia. Só espiava dia e noite lá fora, como se esperasse alguém. Dr. Erovildo, entre um pileque e outro, diagnosticou perturbação esporádica do cerebelo central por conjunção espeliedal da vértebra direita acoplada ao ventrículo es-

querdo. E apenas isso. E lhe receitou uns comprimidos alaranjados, que ela invariavelmente cuspiu. Ia ficando por isso mesmo. Então aconteceu.

Décimo terceiro dia completo. Meia-noite. A enfermeira veio trazendo no copinho o comprimido alaranjado. Por sinal, percebeu que havia trocado a cor. Estava levando um comprimido azul, que talvez devesse ser dado ao doente do pulmão, do quarto 33, às onze e meia em ponto. Mas e daí? Aqueles remédios não faziam mesmo efeito. O velho do pulmão estava com o pé na cova. Rosicleide, a paciente do quarto 27, não merecia grandes cuidados. Era uma grande chatice com aquele jeito desenxabido, assombrando os que passavam no pátio e viam o vulto emoldurado pela janela, imóvel nos seus observares. Portanto, que se desse o comprimido azul para Rosicleide e o alaranjado para o velho do 33. Ela que não ia voltar lá em baixo só para trocar aqueles remédios bestas.

A enfermeira foi resmungando corredor afora. Corredor soturno de hospital, quase na escuridão, impregnado de sussurros de dor e desconforto. Ao chegar no quarto 27, abriu a porta com aquele seu modo resoluto que fazia estremecer o urinol de aço dentro da mesa de cabeceira. Ligou a luz, a forte luz de cima, que era tiro e queda para acordar até paciente em coma. E, uai! Onde estava a maldita paciente? Teria ido ao banheiro? Não. Não estava no banheiro. Nem embaixo da cama. Nem em diacho de canto algum do hospital.

A enfermeira saiu em louca carreira para avisar Dr. Erovildo do sumiço da do 27. Mas Dr. Erovildo estava meio corpo dobrado sobre a maca, braços estendidos para a frente, joelhos no chão. E ninguém, nem nada neste mundo, poderia despertá-lo daquele instante de profundo êxtase alcoólico.

E foi assim que Rosicleide desapareceu para sempre de Venteiros. Depois de tamanha desgraça, consta que Serafina nunca mais fez os torresmos fritos das seis da tarde. Mandava o marido comer no botequim e o mundo que se danasse.

Por estranha coincidência, Tio Chaveco também sumiu. Nunca mais se teve notícia de sua pessoa. Também por coincidência a criatura não foi mais vista, pressentida ou cheirada naquele lugar onde Judas perdeu as botas. Mas apesar dela não ter mais se manifestado, os venteirenses cismaram que isso podia ser apenas um intervalo nos seus pavores. E que em breve a cuja voltaria.

Nessa espera os dias se foram e se foram, até se tornarem mais iguais e iguais, como se nada tivesse acontecido. Mas verdade seja dita: depois da criatura, Venteiros nunca mais foi a mesma.

Sebo Lider
5,00

a casa estalava,
como se criaturas
invisíveis
passeassem por
seus longos
corredores. De
vez em quando,
uma janela
entreaderta
deixava jorrar a
claridade da lua
sobre tapetes e
móveis, e nos
singulares
coágulos de
luz que se
formavam, os
objetos pareciam
espreitar-se uns
aos outros como
se tivessem vida
própria.”

*A literatura é o esforço
do homem para indenizar-se
pelas imperfeições
de sua condição.*

EMERSON

ISBN 85-86698-04-0



9 788586 698040